

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XXVI

1923 & 1924



A necrópole de Parada Todeia



M fins de Abril de 1921 o jornal portuense *O Primeiro de Janeiro* noticiava que em Parada, concelho de Paredes, tinham sido descobertas, quando se procedia ao arrancamento de velhas árvores, várias sepulturas que o informador dizia terem sido por alguém atribuídas ao «tempo dos árabes». Poucos dias depois, em 3 de Maio, me dirigi ali, acompanhado pelo assistente Sr. Mário Afonso, por um empregado auxiliar da Universidade e por alguns alunos, e verifiquei que de facto se descobrira na propriedade do Sr. António Barbosa Leão e seus irmãos uma necrópole que logo reconheci ser duma data anterior àquela que o noticiaria indicava. Estavam a descoberto doze sepulturas. Abrimos uma curta vala exploradora e logo encontrámos mais outra.

Se as construções sepulcrais e os seus materiais eram abundantes, muito parco era o espólio contido nessas primeiras exploradas: alguns fragmentos cerâmicos e de ossos, e pouco mais. Falaram-nos doutras sepulturas em tempo descobertas perto do actual cemitério, as quais conteriam vasos cerâmicos numerosos que tinham sido destruídos na ansia vã de buscar tesouros no seu interior. Se a presença de *tegulae* e de possíveis fragmentos de *imbrices* conduzia a não recuar a cronologia a uma data anterior à época luso-romana, a falta de mobiliário votivo abundante e a presença de algumas sepulturas trapezóides levavam a supor um período já avançado dessa época, uma data em que os ritos funerários pagãos estivessem

já em decadência. Foi o que eu disse a um jornalista que me interrogou sobre o assunto¹.

Voltei a Parada várias vezes, algumas das quais com alunos meus. Outras sepulturas se abriram. Numa dessas visitas àqueles locais verifiquei que uma nova série de sepulturas fôra encontrada a uma ou duas centenas de metros do lugar em que se haviam descoberto as que antes examinara. Essa nova série estava perto do cemitério actual, a poucos passos do muro respectivo que está voltado para NO. Uma ampliação do cemitério e trabalhos de terraplenagem haviam motivado a descoberta.

Emfim, há poucos meses, o digno abade de Parada, Rev.^{do} António Carlos Moreira, que desde o início acompanhara zelosa e inteligentemente todas as explorações, anunciava-me por carta que uma outra série de sepulturas tinha sido descoberta, também perto do cemitério, a NE., e que essas tinham fornecido mais largo espólio que guardara e de que punha a quasi totalidade à disposição do Museu de Antropologia que dirijo. Na impossibilidade de ir eu mesmo logo a Parada, ali fôram o assistente de Antropologia, Sr. Joaquim Rodrigues dos Santos J.^{or}, e o empregado auxiliar do Gabinete de Mineralogia da Universidade, José Lopes da Costa, que recolheram todos os documentos arqueológicos obsequiosamente oferecidos pelo Rev.^{do} Carlos Moreira. Só passadas algumas semanas ali pude ir colhêr alguns dados complementares. A Imprensa referiu-se com justo elogio à dádiva do Rev.^{do} abade e ao seu interêsse pela exploração, e o Conselho da Faculdade de Ciências, sob proposta minha, testemunhou-lhe o seu louvor e os seus agradecimentos.

Em fins de Junho de 1921 o Professor Dr. José Leite de Vasconcelos, acompanhado pelo então meu aluno, Sr. Augusto Medina, visitara também a necrópole, onde ambos recolheram alguns fragmentos cerâmicos.

As aquisições de 1923 aumentaram, porém, o interêsse da estação. A dispersão, por um tam largo âmbito, dos achados arqueológicos sugere a convicção de que uma exploração larga e metódica seria extremamente frutuosa. Não se fez ainda por falta de verbas disponíveis.

A boa vontade existe. Na própria localidade, além do Rev.^{do} abade, a manifestaram os proprietários da Casa de S. Martinho, em cujos terrenos se encontraram as primeiras sepulturas, e o presidente da

¹ *Princiro de Janeiro* de 6 de Maio de 1921.

Junta de Freguesia, Sr. Custódio Alves do Vale. O próprio Sr. Bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, cuja casa é próxima do local, manifestou pelas explorações um esclarecido interêsse, e a S. Ex.^a Rev.^{ma} cabem também os nossos agradecimentos pelas atenções que amavelmente nos dispensou.

Não deve supor-se que a necrópole de Parada é uma estação arqueológica duma importância excepcional. Nada disso. Há muitas outras estações do mesmo género, e algumas muito mais ricas e importantes, no nosso território. Ela não merecia as evocações da Acrópole de Micenas, das cidades de Hissarlik, dos monumentos sepulcrais do Egipto, que, a propósito, um distinto jornalista traçou. Talvez houvesse mesmo injustiça relativa no ruído que a seu respeito fez a Imprensa, da qual tantos achados mais importantes nada mais conseguem do que o silêncio ou uma referência fugitiva. O espólio é relativamente pobre, acusando populações humildes e civilizações despidas do mais ténue esplendor. A cerâmica encontrada até agora nem ornatos tem: pobre é a dos *castros*, e nela não são raras as peças ornamentadas.

Mas a necrópole de Parada, que deve ter abrangido uma extensa área, e na qual, como veremos, crivelmente se terão sepultado gerações de séculos sucessivos, vem, pelo menos, confirmar que a região era nos tempos proto-históricos densamente povoada. E a publicidade que teve, servirá, pelo menos, para atrair as atenções para estes assuntos, e estimular o interêsse e a dedicação por pesquisas desta ordem.

*

Deixando o combóio do Douro no apeadeiro de Parada, toma-se para NO. pelo caminho vicinal que conduz ao pequeno povoado. Poucos passos andados, larga-se o caminho e penetra-se à direita nos terrenos da família Barbosa Leão. Quási nas faldas da vertente, exposta a SE., da minúscula elevação encimada pela Casa de S. Martinho, pertencente à família referida, e pela igreja da freguesia, se encontraram as sepulturas que na minha primeira visita ao local examinei, e, um pouco adiante, aproximadamente no mesmo nível, os vestígios duma antiga habitação, a que nos referiremos. Para SO. do local, a cêrca de 100 metros, passa a linha férrea do Douro, e a cêrca de 400 ou 500 metros vai o rio Sousa.

Subindo até junto da Casa de S. Martinho e ladeando a igreja e a residência paroquial, estamos em frente do actual cemitério da freguesia. A N., a pequena distância, segue a estrada — bastante

arruinada— que conduz à estação de caminho de ferro de Cete. Fora da parte antiga do cemitério actual, junto do seu muro voltado a NO., encontrou-se depois a segunda série de sepulturas que examinei. Tendo-se ampliado o cemitério para NE. fôram-se descobrir emfim mais sepulturas nessa direcção, a mais próxima das quais estava a 4^m,30 do muro novo, e a mais afastada a 14^m,5 do mesmo



Fig. 1—Vista geral da primeira série de sepulturas

muro. Desta última série, numa área de cêrca de 25^m², descobriram-se doze sepulturas. Perto do ângulo N. do antigo muro do cemitério estava um cruzeiro agora transportado para mais longe, na mesma direcção N. Ora as sepulturas das duas séries estavam dispostas com as cabeceiras para o lado do cruzeiro, o que foi notado no local, devendo, porém, dizer-se que o cruzeiro é sem dúvida duma data muito menos remota.

A região é fértil, populosa e de paisagem agradável. Os textos dão-na como densamente povoada nos tempos históricos, e antigualhas várias de lugares próximos sugerem que êsse adensamento

deve vir de longe¹. A alguns quilómetros a SE., encontraram-se os vestígios do castro de Santo Estêvão de Oldrões e os restos do *balineum* romano de S. Vicente de Pinheiro, que foi estudado por José Fortes. Em Baltar registrar-se-ia o culto da divindade aquática *Nabia*², e ali, como em Vandoma, não faltam vestígios de velhos povoados, tendo-se também descoberto na região objectos arqueológicos isolados, desde os conhecidos machados de pedra polida até os restos da civilização luso-romana.

¹ Vid. em Pinho Leal artigos sobre Parada, Baltar, Vandoma, etc., e monografia do Dr. José do Barreiro (Dr. Correia Pacheco), *Paredes*, Pôrto 1922, p. 466 e sgs.

² Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, II, Lisboa 1905, p. 277.

Indicações toponímicas merecem tam'bém menção. Há no concelho de Paredes logares vários com os nomes significativos de *Castelo*, *Mámoa*, *Cristelo*, *Castromil*, *Crasto*, etc. No concelho de Penafiel há a povoação de *Franços* e no de Paredes a de *Casconha*, as quais são referidas pelo P.^e Carvalho e Simão Rodrigues Ferreira¹, atribuindo-se a localizações de *Franços* e *Gascões*² vindos no sec. X para

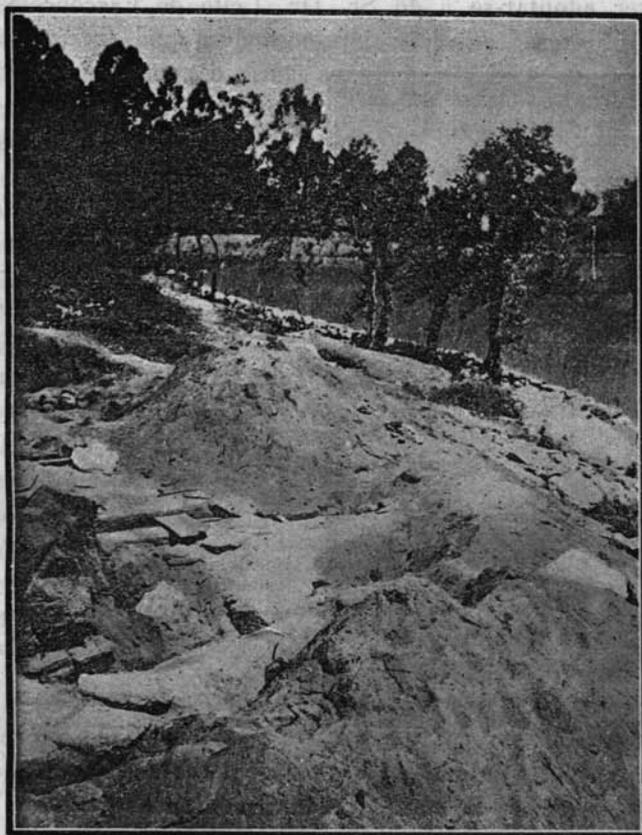


Fig. 2 — Aspecto parcial da necrópole (primeira série de sepulturas)

as lutas contra os mouros, dos quais ha também na região vestígios toponímicos como sejam *Alqueidão*, *Mouriz*, *Olho de Mouro*, *Cova da Moura*, etc.

¹ *Antiquidades do Porto*, p. 85.

² Sobre a vinda de *Gascões* cf: Leite de Vasconcelos, *Origem historica e formação do povo português* (Memória da Sociedade Portuguesa de Sciencias Naturaes), Lisboa 1923, p. 6.

Outras necrópoles lusitano-romanas, além da de Parada, têm sido descobertas no distrito do Pôrto. O tomo II da *Portugalia* regista, em artigos de José Fortes e Ricardo Severo, nada menos de cinco: as da Lomba e Vilarinho (Amarante), Baião, Vila Verde (Bagunte) e Monte do Penouço (Rio Tinto)¹.

Das hipóteses etimológicas sobre o nome de Parada Todeia², creio dever adoptar-se a do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos³, se-

gundo a qual *Todeia* representaria o nome duma divindade romana, *Tutela*, que tem aparecido em inscrições peninsulares e a que correspondem os nomes espanhóis *Tudela* e *Tudelinha*, tendo havido mesmo uma cidade ibérica chamada *Tutela*, ao que consta de Marcial. O apelido «Tudela» teria vindo de Espanha para Portugal. Segundo o eminente filólogo e arqueólogo, é crível que em Parada Todeia tivesse existido um *fanum* consagrado à deusa *Tutela*.

Em suma, não faltam os testemunhos arqueológicos e toponímicos de terem sido aquelas paragens povoadas em datas remotas.

*

As sepulturas da necrópole de Parada Todeia são de tipos variados.

As da 1.^a série explorada (figs. 1 a 4) tinham forma rectangular ou trapezoidal, eram construídas com tejos, pedra e sobretudo lousas e *tegulae*. É sabido que as lousas abundam no silúrico de Valongo, a alguns quilómetros para O. do local, que já é, geologicamente, de constituição granítica. Entre essas sepulturas havia

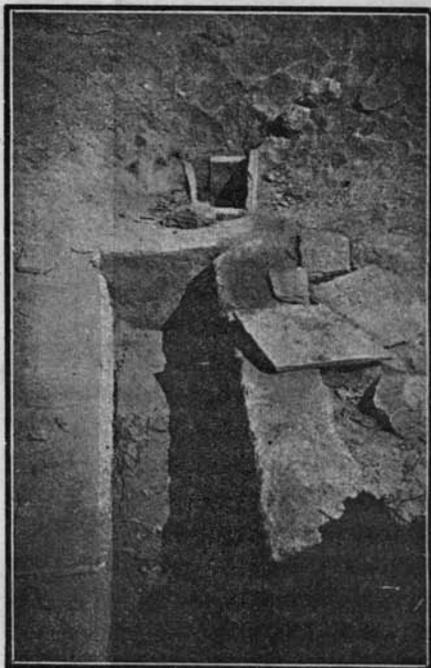


Fig. 3 — Duas sepulturas

¹ Respectivamente a pp. 252, 477, 217 e 111.

² Dr. José do Barreiro, *op. cit.*, p. 498 e sgs.

³ Leite de Vasconcelos, «Hierologia lusitana», in *Arch. Port.*, xxiv, 1919-1920, p. 274.

duas ou três, muito pequenas, verdadeiras cistas ou caixas rectangulares de cerca de 0^m,5 de comprido por 0^m,25 a 0^m,40 de largura (a fig. 3 representa, no alto, uma dessas sepulturas): seriam para crianças de tenra idade ou abrigariam restos de incineração, se o rito crematório ainda se usava, o que é duvidoso ou teria um carácter excepcional. A construção das paredes destas sepulturas é cuidada e sólida.

A NE. d'êste local, a poucos metros, havia restos de paredes, ocorrendo tratar-se duma habitação, que era de planta quadrangular¹: já devia ir longe a época das casas de parede circular de muitos castros do N. Recolhi nesse lugar carvões, fragmentos de cerâmica doméstica, escórias, pedaços de telha de rebordo, amoladores de pedra, e ficaram lá restos dalgumas mós manuais, *dormentes* e *girantes*. Não seria de admirar que nas proximidades, por uma exploração metódica, chegássemos a descobrir novos restos de habitações, porventura das populações que inumavam os seus mortos na necrópole vizinha. A S. da necrópole tinham sido em tempos, segundo nos foi dito, encontrados um mosaico e muros, mas tudo foi destruído, aproveitando-se para construções modernas algumas das pedras!

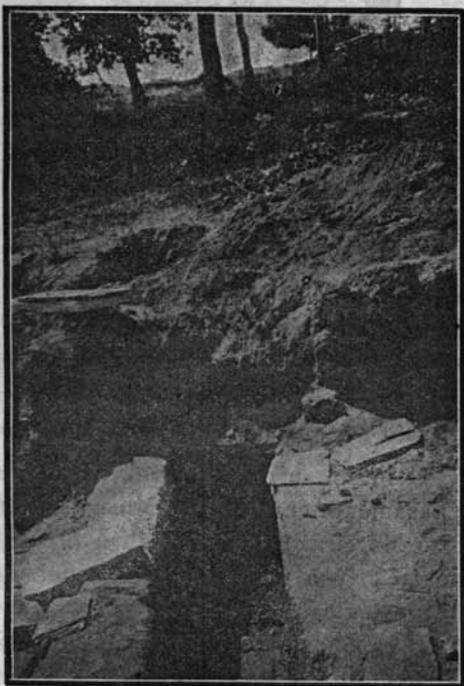


Fig. 4—Uma sepultura

As sepulturas da 2.^a série, confinantes com o actual cemitério da localidade, eram de construção análoga às da 1.^a série (fig. 5).

As da 3.^a série não tinham paredes. Nenhuma forneceu restos ósseos, ao contrário duma das da 1.^a série que forneceu algumas

¹ Igual associação em Vilarinho (Amarante): cf. José Fortes, «Casa e necrópole lusitano-romanas de Vilarinho», in *Portugalia*, t. II, p. 477.

vértebras, um esterno, fragmentos do parietal e doutros ossos do crânio, uma rótula completa, um fragmento de astrágalo e restos de ossos longos. Ao passo, porém, que numa destas, que explorámos, não encontrámos senão um minúsculo fragmento de cerâmica, e quasi todas as outras da 1.^a série, como as da 2.^a, não forneceram qualquer resto cerâmico, as da 3.^a série apresentavam, em geral, mobiliário votivo constando de duas *lagoenae*, duma *oinochoe* e dum prato para cada uma. Apareceram também algumas moedas, pregos num prato e carvões num dos púcaros e noutro prato.



Fig. 5—Sepulturas da 2.^a série. À esquerda o muro do actual cemitério

O interesse do estudo dos ossos, alguns dos quais fôram obsequiosamente enviados ao Museu de Antropologia pelo Sr. Dr. Luís José Moreira, que os recolheu *in situ*, é restrito, dada a sua fragmentação e a falta de peças concludentes para uma reconstituição antropológica.

O espólio lítico da estação não vai além do que já foi referido: as mós, alguns amoladores—junto da habitação—e fragmentos utilizados na construção das paredes das sepulturas. Nada de especialmente interessante neste capítulo. As mós são dos tipos comuns nos povoados castrejos, como no de Guifões, por exemplo.

Já fôram mencionados também os carvões, quer na habitação, quer em algumas sepulturas da 3.^a série. Há um certo interesse no achado de escórias, atestando uma actividade siderotécnica. Êste achado fez-se nas vizinhanças da habitação, e não é fácil relacionar cronologicamente os restos desta com a necrópole.

Os objectos de metal, encontrados nas sepulturas, são: pregaria, uma argola, talvez de bronze, que estaria fixa provavelmente a uma

caixa de madeira, um anel (?) de cobre, e os numismas. Junto da casa recolhi um pedaço de ferro (fig. 6) que dá a impressão de resto duma bainha, menos provavelmente dum cabo de lança ou de *soli-férrea*, um tipo arcaico.

O anel, incompleto, é grande e foi-me trazido pelo aluno da Faculdade de Letras do Porto, Sr. Humberto Pinto de Lima. Trata-se dum documento curioso. É largo, e uma parte da superfície exterior espalma-se numa ampla faceta que tem ornatos gravados (fig. 7). Entre dois fe-



Fig. 6



Fig. 7—Ornatos do anel

chos simétricos de contornos trilobados, há sulcos e pontos numa disposição irregular que à primeira vista sugere a idea de sinais alfabéticos. Obtendo, porém, com grafite o traçado do seu negativo num papel, surgiu nítida a representação duma ave, entre alguns pontos e um sulco. Sem pretendermos estabelecer filiações, lembremos os palmípedes estampados em cerâmica pre-romana de Sabroso, os motivos zoomórficos das fibulas de La Tène I, e as pinturas de aves na cerâmica ibérica da segunda idade do ferro do SE. espanhol.

De cinco moedas recolhidas nas sepulturas, duas não puderam ser classificadas com precisão por estarem demasiado deterioradas, mas parecem ter afinidades com as restantes. Destas, uma era de Constantino I e duas, mais pequenas, de Constante. Ao meu distinto colega, Prof. Damião Peres, devo o obséquio desta classificação numismática.

Na minha primeira visita à estação alguns camponeses deram-me várias moedas, encontradas em tempos não na necrópole, mas noutros lugares da região. Algumas estavam completamente limadas: tinham-nas desgastado para inquirirem se, sob a pátina e a oxidação, surgia o ambicionado ouro!... Das outras, a mais antiga era da época do domínio filipino. Crivelmente tais espécies numismáticas nada tinham de comum com a estação.

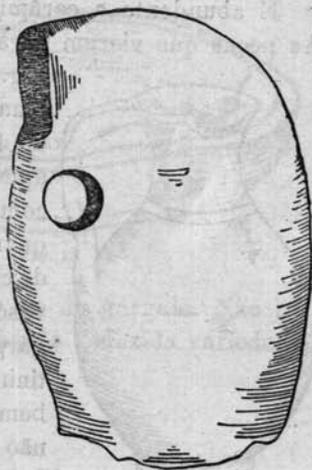


Fig. 8—Fragmento de pondus

O espólio cerâmico desta é o mais abundante. Junto da casa apareceu um fragmento de *pondus* com um orifício (fig. 8), um pedaço de cerâmica grosseira e espessa com uma cõvinha, fragmentos de *tegulae*, um pedaço de *imbrex* (?), fragmentos de *lateres*. Da cerâmica doméstica ha asas, bordos, fundos, etc., de *dolia* e *ollae* mas em geral de barro escuro e grosseiro. As *tegulae* são dum barro mais



Fig. 9 — Oinochoe

vermelho e muito melhor cozido do que as que aparecem na necrópole. O possível fragmento de telha curva parece ter sido pintado: tenho desconfiança sôbre a sua antiguidade.

Pròpriamente, no interior das sepulturas, a 1.^a série destas pouco nos deu, além de *tegulae*, de barro diversamente cõrado, algum muito



Fig. 10 — Ampulla

claro. Extraí e trouxe para o Museu, como espécime, uma *tegula* inteira, excelente, do conhecido tipo luso-romano, com $0^m,55 \times \times 0^m,45$.

É abundante a cerâmica doméstica na 3.^a série de sepulturas. As peças que vieram para o Museu são: duas *oinochoe*, uma maior



Fig. 11 — Lagoena

(fig. 9), outra mais pequena, ambas de cerâmica amarelada, um pouco grosseira; fragmentos do fundo e parte do bõjo dum vaso, talvez uma *oinochoe* também, de cerâmica grosseira, com pasta clara, ordinária, com grãos de quartzo e mica; fragmentos muito espessos, de cerâmica muito grosseira, talvez de grandes vasos; bocal duma *ampulla*, grande, com o gargalo estreitado, e duma cerâmica fina, retinindo ao choque, de pasta amarelo-tejolo, bem cozida, mais homogénea, embora ainda não muito boa; fragmentos de cerâmica dêste tipo; fundos e parte do bõjo de vasos, talvez *lagoenae*, de cerâmica fina, de tom amarelo-

róseo e pasta homogénea; fragmento dum vaso mais pequeno; uma *lagoena* da mesma cerâmica fina (altura 12^m ; diâmetro no bõjo 9^m ; diâmetro no gargalo $4^m,2$, e na base 4^m); outra *lagoena*, maior, e de cerâmica um poucõ mais grosseira (altura $17^m,3$; diâmetro do bõjo

17^{cm},3; idem do gargalo 5^{cm},2; idem da abertura 7^{cm},3; idem da base 6^{cm},3); uma *lagoena*, de cerâmica escura e ainda mais grosseira (diâmetro do bôjo, 15^{cm}; idem do gargalo 5^{cm},6; idem da abertura 7^{cm},7; idem da base 8^{cm}); fragmentos de pratos, de cerâmica escura e grosseira, e de fundos, bordos e asas do mesmo tipo cerâmico; uma cápsula (*patina*), inteira, de barro amarelo-rosado, não muito grosseiro, bem cozido, com 10^{cm} de diâmetro máximo e 5^{cm} de altura (fig. 12); um prato grande, de cerâmica escura, grosseira, com 17^{cm} de diâmetro (fig. 13); dois pratos de cerâmica também grosseira, com cêrca de 15^{cm} de diâmetro.

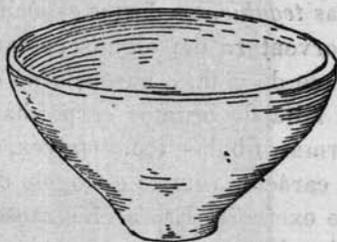


Fig. 12—Patina

Pela maior ou menor homogeneidade da pasta, pelas suas impurezas, pela côr, pelo seu grau de cozedura, pela sua espessura, pela sua dureza e sonoridade, é possível distinguir tipos muito variados nesta cerâmica doméstica. Prevaecem os tipos grosseiros, mas há, como vimos, exemplares de cerâmica mais fina, sonora, esbranquiçada, dura, bem cozida. Falta a conhecida cerâmica *arretina* ou *samiana*¹, louça vermelha, com o seu característico verniz coralino e os seus ornatos incisos

ou em relêvo. Faltam louças pintadas e mesmo a louça cinzenta fumigada dos castros luso-romanos do norte do país. Feita ao tórno, a louça de Parada fornece apenas em esporádicos exemplares alguns traços incisos con-



Fig. 13

tinuos fechando círculos em tórno do bôjo ou do gargalo. Não há outros ornatos. Esta pobreza decorativa alia-se à reduzida variedade e à pobreza de mobiliário.

¹ Esta louça tem sido encontrada no distrito do Pôrto, em Guifões, Marco de Canaveses, Alvarelhos, Póvoa de Varzim e Baião. Cf., a propósito: Leite de Vasconcelos, *De Campolide a Melrose*, Lisboa 1915, pp. 29 e 30; sôbre a louça arretina de Guifões, Mendes Correia, *Sôbre alguns objectos proto-históricos e lusitano-romanos*, extracto do *Archeologo Português*, Lisboa 1916, p. 8; sôbre a de Póvoa do Varzim e Alvarelhos, José Fortes, *Restos duma villa lusitano-romana*, Pôrto 1905, pp. 34 e sgs., e *A estação archeologica de Alvarelhos*, Pôrto 1899, p. 20.

*

Sepultando com cuidado e devoção os seus mortos, as populações que deixaram esses restos funerários na estação arqueológica de Parada Todeia eram pobres: o anel de cobre descoberto foi a peça mais rica e decorativa que elas nos legaram. A sua cultura minguada apparece claramente marcada pela influencia romana, que se revela nas *tegulae*, em certos espécimes de cerâmica doméstica, nas moedas, porventura em alguns costumes e ritos de importação. A simplicidade de vida, a ausência de cerâmica rica de pinturas e decorações, a falta de ornatos corporais (nada mais do que o anel), a falta de armas, fibulas, etc. — talvez, em parte, fortuita — mostram entretanto o carácter vetusto e singelo da cultura sobre a qual aquella influencia se exercera. Era a civilização primitiva dos castros do noroeste peninsular a revelar-se ainda dentro das molduras romanas. E essa civilização não se identifica em geral com a cultura céltica mais típica, nem com a dos iberos do S. e E. da Península, que do séc. V ao séc. III a. C. fabricam ali a cerâmica pintada, chamada *cerâmica ibérica*: deve antes reflectir na sua humildade tipológica o isolamento de populações autóctones, pobres mas independentes, a que chegariam longínquas e raras influências culturais por invasões esporádicas e por uma infiltração lenta de sugestões e de modelos, mesmo por uma importação escassa de objectos¹.

Abstendo-me, porém, de ascender às origens, que são remotas, a verdade é que os numismas marcam como data das sepulturas em que foram achados, o principio do sec. IV, data em que a falta da *terra sigillata* e da cerâmica análoga de origem gauleza não surpreende e com a qual concordam a ausência de mobiliário votivo em muitas sepulturas e talvez mesmo a frequência de sepulturas trapezoidais, as quais, sem darem uma certeza cronológica, são, porém, indício possível de influências proto-cristãs².

Estava-se numa fase adiantada do abandono dos castros e avizinhavam-se, com a desagregação do império, as comoções derivadas de novas occupações políticas.

Do alto da necrópole, onde os ritos funerários pagãos persistem, desce-se para as sepulturas das vertentes, mesmo para as confinantes

¹ Cf. o desenvolvimento d'este ponto de vista no meu livro sobre *Os povos primitivos da Lusitânia*.

² É o que se dá também na necrópole luso-romana de Gulpilhares (Gaia) segundo, em manuscrito ainda inédito, diz José Fortes.

da planície, nas quais o mobiliário votivo escasseia. Gerações sucessivas fôram sepultadas na necrópole: talvez velhos habitantes dos castros luso-romanos, sobretudo da fase final destes, e depois populações que, descendo dos castros para as vilas e para as terras baixas, iam abandonando os ritos pagãos e cuja cronologia vai



Fig. 14 — À porta da residência paroquial: um curso da Faculdade de Ciências com o Rev. abade Carlos Moreira (Junho de 1921)

avanzando sôbre as épocas ulteriores. É interessante notar, falando em sobreposição de épocas, como até o cemitério actual confina extensamente e se confunde porventura em alguns tratos com a velha necrópole.

É possível que a habitação vizinha da 1.^a série de sepulturas seja de data menos remota do que as sepulturas da 3.^a série. Não é fácil localizar o povoado ou povoados cujos mortos primeiro foram

inunados no cemitério de Parada. Seria algum castro sito na eminência hoje ocupada pela Casa de S. Martinho ou nas proximidades? Construções modernas teriam talvez desfeito os vestígios dos seus muros e das suas casas.

Se há razões para fazer recuar os primeiros vestígios da ocupação humana na estação de Parada Todeia a uma época de humilde cultura castreja, deve, porém, assentar-se em que a maior parte dos seus restos são atribuíveis aproximadamente aos séculos IV e V da era cristã¹.

A. A. MENDES CORREIA.

Moedas de ouro de D. João V celebradas em poesias

O reinado de D. João V foi um deslumbramento. Embora mais aparente que real, e dêsse origem a muito desperdício dos dinheiros publicos, não ha dúvida que d'ele, por outro lado, vieram beneficios á vida interna da nação, pois D. João V protegeu as letras, as artes, as indústrias, a agricultura, o comércio. Bastava a maravilha do Aqueduto das Aguas Livres para glorificar o reinado!

Entre as magnificencias da realeza foram as moedas de ouro, lavradas nesse tempo, uma das que mais impressionaram a mente das multidões, visto que no dinheiro está a sintese natural de todos os valores materiais. Disse um escritor latino: *pecunia regimen est omnium*²; os Romanos chegaram a criar uma deusa *Pecunia*; e parafraseando uma frase vergiliana, como justificação da existencia da deusa, toda a gente repete hoje: *pecunia omnia vincit!* Quem não ouve a cada passo expressões corriqueiras, e já gastas do uso, como: *time is money, tanto vales quanto tienes*, e quejandas? Os nossos antigos, sempre sentenciosos, clamavam que

Não ha mal tão lastimeiro,
Como não ter dinheiro!³;

¹ As fotografias que acompanham este artigo são do ex-assistente da Faculdade de Ciências do Pôrto, Sr. Mário Afonso. Os desenhos foram feitos pelo assistente da Faculdade de Letras, Sr. Magalhães Basto, e pelo Sr. engenheiro Luis Canavarro de Morais.

² Apud Otto, *Die Sprichwörter der Römer*, Leipzig 1890, p. 271, nota.

³ *Adagios*, de Roland, Lisboa 1780, p. 91, e já Bluteau, in *Vocabulario*, s. v. «dinheiro». Nesses AA. se acham muitos proverbios relativos ao dinheiro.